

# **No Meio do Caminho Tinha um Jornalista: o Encontro entre Jornalistas e Fontes sob a Perspectiva de Martin Buber<sup>1</sup>**

Denise Casatti<sup>2</sup>

Universidade Paulista (Unip)

## **Resumo**

Este artigo discute uma das possíveis contribuições de Martin Buber para o campo do jornalismo: a oportunidade de pensarmos as relações humanas sob uma perspectiva inovadora. Essa perspectiva é capaz de levar jornalistas e estudantes de jornalismo a refletirem sobre seu modo de fazer jornalismo. A hipótese principal é de que, ao melhorar a capacidade que um jornalista ou um estudante de jornalismo tem de ouvir os relatos de suas fontes, estimulamos a elaboração de produtos jornalísticos diferenciados, que contêm toda a complexidade inerente à vida humana.

## **Palavras-chave**

Jornalismo; encontro; fonte; diálogo; filosofia.

## **Corpo do trabalho**

Como melhorar a capacidade que um jornalista ou um estudante de jornalismo tem de ouvir os relatos de suas fontes? Como as histórias que as pessoas contam podem levar à elaboração de produtos jornalísticos diferenciados, que contenham toda a complexidade inerente à vida humana?

Quando passamos a estudar a relação do jornalista com as pessoas que lhes contam suas histórias, inevitavelmente passamos a estudar o campo intersubjetivo das relações humanas. Nesse caso, não basta treinarmos os jornalistas ou os estudantes de jornalismo com técnicas pré-concebidas que mostram como fazer uma entrevista. Para melhorar a capacidade que um jornalista ou um estudante de jornalismo tem de ouvir os relatos de suas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes/USP. Formou-se em jornalismo pela mesma instituição em 2001. É professora na Universidade Paulista (Unip) e também atua na área editorial. Endereço eletrônico: denise\_casatti@yahoo.com.br

fontes, é necessário muito mais. Precisamos levá-los a compreender a profunda experiência do diálogo.

Para isso, nada melhor do que recorrermos a Martin Buber, conhecido como o criador de uma verdadeira filosofia do diálogo. Para Buber, a relação, o diálogo, é fundamental para a compreensão da existência humana. Segundo ele, lidamos com o mundo de duas maneiras: pela experiência e pela relação. “O mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio Eu-Isso. A palavra-princípio Eu-Tu fundamenta o mundo da relação” (1979, p. 6).

Nesse sentido, quando agimos a partir da palavra-princípio *eu-isso*, consideramos o que se apresenta a nós como um objeto, comparável a outros objetos. Algo que pode ser ordenado, descrito, decomposto objetivamente. Aliás, nada pode ser integrado na soma de conhecimentos a não ser na qualidade de um *isso*.

Por outro lado, quando estamos no plano da palavra-princípio *eu-tu*, estamos no plano da relação.

Quem está na relação participa de uma atualidade, quer dizer, de um ser que não está unicamente nele nem unicamente fora dele. Toda atualidade é um agir do qual eu participo sem poder dele me apropriar. Onde não há participação, não há atualidade. Onde não há apropriação de si não há atualidade. A participação é tanto mais perfeita quanto mais o contato do Tu é mais imediato. (BUBER, 1979, p. 73-74)

O domínio da relação é também o domínio da subjetividade, onde o *eu* se conscientiza simultaneamente de seu vínculo e de sua separação em relação ao *tu*. Essas duas maneiras diversas de lidarmos com o mundo (*eu-tu* e *eu-isso*) são processos que se alternam. De acordo com Buber, a melancolia e a grandeza de nosso destino é que cada *tu* deve tornar-se irremediavelmente um *isso*. Pois só o *isso* é descritível, decomponível, classificável... Só o *isso* nos permite a existência do conhecimento, da obra, da imagem, do modelo.

Assim, a contemplação autêntica do *tu* é sempre breve, pois o outro se revela a mim no segredo da ação mútua para, depois, se tornar um *isso*. “Cada Tu, após o término do evento da relação deve necessariamente se transformar em Isso. Cada Isso pode, se entrar no evento da relação, tornar-se um Tu” (p. 38).

Para explicar essa constante passagem da palavra-princípio *eu-isso* para *eu-tu* e vice-versa, Buber recorre a uma imagem simbólica bastante esclarecedora: “O Isso é a crisálida, o Tu a borboleta. Porém, não como se fossem sempre estados que se alternam nitidamente, mas, amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade” (p. 20).

É no face-a-face do *eu-tu* que o ser se revela, mas toda a resposta amarra o *tu* ao mundo do *isso*. “Somente o silêncio diante do Tu, o silêncio de todas as línguas, a espera silenciosa da palavra não formulada, indiferenciada, pré-verbal, deixa ao Tu sua liberdade...” (p. 46). Somente quando duas subjetividades passam do plano do *eu-tu* para o plano do *eu-isso*, dá-se a experiência e pode-se dizer algo a respeito do que foi vivido.

Assim como a melodia não se compõe de sons, nem os versos de vocábulos ou a estátua de linhas – a sua unidade só poderia ser reduzida a uma multiplicidade por um retalhamento ou um dilaceramento – assim também o homem a quem eu digo Tu. Posso extrair a cor de seus cabelos, o matiz de suas palavras ou de sua bondade, devo fazer isso sem cessar, porém ele já não é mais meu Tu. (p. 9-10)

Todas essas colocações de Buber nos remetem a pensar que é extremamente favorável a ocorrência de um encontro do tipo *eu-tu* entre o jornalista e a pessoa que lhe conta sua história, especialmente se estivermos lidando com a elaboração de uma história de vida, quer seja ela um perfil ou uma biografia. A partir dessa relação, em que a compreensão do outro atinge um plano indefinível, corre-se um menor risco de que o produto jornalístico resultante reduza esse *tu* a um mero objeto. Afinal, mesmo depois que a relação *eu-tu* cessa, permanece uma semente desse encontro em cada um desses sujeitos. Semente essa que irá germinar o futuro produto jornalístico, mesmo sendo necessário, para se descrever esse *tu*, lidar com ele na forma de *eu-isso*.

Mas como um jornalista pode saber se realmente aconteceu um encontro do tipo *eu-tu* durante a apuração das informações? Bem, segundo Buber, o momento da relação é único, pois é como se nada mais existisse diante de nós, tudo o mais vive na luz daquele *tu* e os sentimentos simplesmente acompanham essa relação, que não se realiza na alma, mas entre o *eu* e o *tu*. “O Tu se apresenta a mim. Eu, porém, entro em uma relação imediata com ele. Assim, a relação é, ao mesmo tempo, escolher e ser escolhido, passividade e atividade” (Ibid., p. 89).

Ora, quando o verdadeiro encontro *eu-tu* se estabelece durante uma entrevista, por exemplo, temos a nítida sensação de que o tempo pára. Independentemente do que acontece à nossa volta, é como se nada mais existisse além do *eu-tu*. Nesse instante, nos esquecemos de que, depois daquele encontro, precisaremos produzir uma matéria, pois tudo o que importa nesse momento é a vivência do encontro. E não há nenhum problema que seja assim, não há nenhum risco de que o jornalista se esqueça de seu papel, se esqueça dos motivos que o levaram até aquele encontro. Porque, inevitavelmente, a relação *eu-tu* em breve se torna uma relação *eu-isso*. Só então seremos capazes de dizer algo sobre essa pessoa ou sobre o encontro que se deu, pois é somente depois de estabelecermos a relação *eu-isso* que conseguiremos compreender o mundo como experiência.

No entanto, para Buber, por mais que nos esforcemos no estabelecimento de uma relação, há sempre algo de incontrolável e misterioso que pode levar ou não a esse acontecimento: “O Tu encontra-se comigo por graça; não é através de uma procura que é encontrado” (p. 12). Ou seja, por não depender apenas da vontade dos sujeitos, há de fato casos em que a vivência *eu-tu* não acontece. Por isso, o jornalista precisa aprender a conviver com o inefável durante a apuração das informações. Nem tudo está sob seu completo controle no momento em que precisa lidar com outros seres humanos.

Mesmo que a relação *eu-tu* não aconteça, o jornalista poderá obter informações para sua apuração por meio do estabelecimento de uma relação *eu-isso*. Entretanto, quando estamos falando da elaboração de um produto jornalístico diferenciado, capaz de abarcar a complexidade inerente à vida, as chances de alcançarmos nosso objetivo se ampliam consideravelmente ao conseguirmos vivenciar o verdadeiro encontro *eu-tu*. Afinal, é só no plano da relação que consigo compreender a unidade de um *tu*, mesmo que, nesse plano, eu não possa dizer nada sobre ele.

### **Reciprocidade: o diálogo genuíno**

Outra contribuição importante de Buber para a compreensão do encontro humano está no conceito de reciprocidade: “Relação é reciprocidade. Meu Tu atua sobre mim assim eu atuo sobre ele. Nossos alunos nos formam, nossas obras nos edificam (...) Nós vivemos no fluxo torrencial da reciprocidade universal, irremediavelmente encerrados nela “ (p. 18).

É no interior da relação *eu-tu* que o eu verdadeiramente se realiza. É aí que os seres se revelam um ao outro e se confirmam por meio da linguagem autêntica, de um diálogo genuíno.

O mestre ajuda os discípulos a se encontrarem e, nas horas de depressão, os discípulos ajudam o mestre a reencontrar-se. O mestre inflama as almas dos discípulos; e eles o rodeiam e iluminam. O discípulo pergunta e, pela forma de sua pergunta, evoca, sem o saber, uma resposta no espírito do mestre, a qual não teria nascido sem essa pergunta. (BUBER, “Histórias do Rati”, p. 25, Apud BUBER, 1979, p. XXXIX)

Nesse sentido, quando um jornalista faz uma pergunta ou uma colocação a uma fonte, muitas vezes evoca uma resposta da fonte que jamais teria nascido sem aquela pergunta. O processo inverso também acontece: uma colocação da fonte evoca no jornalista algo que ele jamais pensaria sem aquela intervenção. É por isso que, por mais que exista uma pauta pré-estabelecida, a verdadeira matéria nasce quando um *eu* se encontra com um *tu*. É aí que o processo de compreensão se dá: neste imprevisível momento chamado encontro. “Essas duas subjetividades têm de conhecer-se mutuamente para que dessa interação resulte algo novo, vivo, que traga à tona uma descoberta, uma revelação que dependa exclusivamente desse encontro” (YAKHNI, 2001, p. 23).

Durante a apuração de uma matéria, somos acostumados a pensar que é apenas o jornalista que descobre algo, que somente a ele é dada essa dádiva, que ele é o senhor desse processo e o mantém sob total controle. Nos esquecemos de que, por se relacionar com outros seres humanos, além de ser impossível ter total controle sobre o que acontecerá durante a apuração, estabelecemos uma relação recíproca, em que o outro também pode ser levado a fazer descobertas sobre sua própria história.

Ou seja, o trabalho de apuração coloca o jornalista diante de um papel que vai muito além da produção de uma leitura possível do mundo. Ao estabelecer um relacionamento próximo com uma fonte, estamos promovendo também uma releitura sobre aquela vida que nos é contada e, por que não, também relendo nossa própria vida.

Algumas frases que ouvimos em entrevistas demonstram o quanto a produção desse tipo de narrativa mexe com a vida das pessoas que se tornam “fontes” dos jornalistas:

- Nunca pensei sobre isso dessa forma.
- Falando agora, parece tão fácil mas, na época, foi muito difícil.

- É a primeira vez que estou pensando a respeito desse assunto, aqui, com você.
- Olha, deixa eu pensar... Dessa forma eu nunca tinha olhado...

Ao trazer à tona situações, imagens, sensações, entre outras tantas recordações, vividas há muitos anos ou há alguns segundos, somos realmente capazes de percebê-las de um outro jeito. Nasce uma nova perspectiva sobre algum aspecto da vida da gente, o que acaba, na maioria das vezes, lançando-nos para a abertura de portas que, antes, estavam trancadas. E, atrás de cada porta, há sempre mais e mais a ser descoberto.

Tudo isso nos mostra o quanto uma relação entre jornalista e fonte pode gerar descobertas não apenas nesse profissional que vai a campo em busca de compreensão, mas também nas pessoas que interagem com ele durante essa trajetória. Assim, o resultado do trabalho de um jornalista, que é elaborado a partir de um encontro genuíno com a fonte, nasce de uma descoberta mútua estabelecida por essas duas subjetividades. Uma descoberta que só se tornou possível porque dois seres humanos se encontraram.

Nesse sentido, a atitude do jornalista diante de suas fontes é realmente muito importante para que um vínculo genuíno possa ser estabelecido. Sarah Yakhni, em sua Dissertação de Mestrado “Eu e o Outro no Filme Documentário: uma Possibilidade de Encontro”, diz que o fato do jornalista “se colocar de maneira integrada frente ao outro instaura a possibilidade de reciprocidade, no sentido de se estabelecer um vínculo que tenha como base a confiança mútua e uma abertura para a entrega” (p. 27). Ou seja, o jornalista precisa se colocar como um parceiro de sua fonte, como um autêntico participante daquele diálogo para que o encontro se dê.

Não adianta apenas estar receptivo para a presença do outro, ou deixá-lo à vontade dentro da situação colocada pela filmagem, é preciso estar plenamente presente e disposto a sair de si, face ao outro e ao mundo, numa atitude de abertura, de deixar se manifestar em seu próprio centro dinâmico. (YAKHNI, 2001, p. 29)

Assim, precisamos ter coragem e estar dispostos a também compartilhar um pouco de nossa vida com aquela pessoa que compartilha um pouco de sua vida com a gente. O jornalista deve se colocar como um verdadeiro ser humano diante da fonte, com suas limitações e grandezas. É só assim que ele abre a possibilidade para que a relação autêntica aconteça.

Quantas vezes, diante de um entrevistado, sentimos que seu relato apenas se desenvolve a partir de uma intervenção despretensiosa nossa, quando comentamos algo sobre nossa própria vida ou o ambiente que nos rodeia? É como se aquela pessoa estivesse esperando uma atitude de reciprocidade da pessoa que o entrevista, um sinal de confiança, para poder abrir as portas de sua vida ao humano ser que se coloca à sua frente no papel de jornalista.

### **No meio do caminho**

Em sua Dissertação de Mestrado, Sarah Yakhni afirma que, do ponto de vista dialógico, “o sentido aparece entre nós e as coisas”. Maria Teresa Cruz corrobora com essa idéia ao afirmar que "a obra literária não pode ser completamente identificada com o texto ou com a realização do texto, mas sim, na realidade, residir a meio caminho entre ambos". Parece que, assim como a obra literária, o sentido da produção jornalística também não está nem no jornalista, nem na fonte, mas nesse meio do caminho. Levando-se em conta todas as pedras que existem em todos os meios de caminho...

A própria maneira como um jornalista se relaciona com sua fonte, leva-o a vê-la sob uma determinada perspectiva: presenciando cenas e mantendo contato com pessoas que, se o jornalista convivesse com aquela fonte de uma outra forma, não seria possível. Se mudarmos a perspectiva com que lidamos com nossos entrevistados, poderíamos entrevistar as mesmas pessoas, mas iríamos obter informações diversas. Passaríamos a ocupar uma posição diferente em relação a essas pessoas, o que nos levaria a enxergá-las de uma maneira diversa da que as enxergamos. Nem mais nem menos verdadeira, apenas diversa.

A vida da gente, os textos, as leituras são eventos únicos, que não se repetirão com a mesma cor, sabor, odor, som e textura. Os sentidos emergem em um momento único de encontro, em que fatores complexos se coadunam para formar aquela vida, aquele texto, aquela leitura. Cada produto jornalístico é resultado desse momento único de encontro que não se repetirá.

... os momentos de encontro com o Tu se manifestam como episódios singulares, lírico-dramáticos, sem dúvida, de um encanto sedutor, mas que, no entanto, nos induzem

perigosamente a extremos que debilitam a solidez, já provada, e deixam atrás mais questões que satisfações, abalando nossa segurança. Eles não são só inquietantes, mas indispensáveis. (BUBER, 1979, p. 38)

Para Buber, a relação *eu-tu* nos remete, inevitavelmente à relação com o transcendente, na medida em que, no contato com cada *tu*, somos tocados por um sopro da vida eterna. “A relação com o ser humano é a verdadeira imagem da relação com Deus” afirma Buber. No encontro *eu-tu*, algo acontece no homem... “Às vezes parece um sopro, às vezes, como se fora uma luta, pouco importa: acontece. Ao sair do ato essencial da relação pura, o homem tem em seu ser um mais, um acréscimo sobre o qual ele nada sabia antes e cuja origem ele não saberia caracterizar corretamente.” (Ibid., p. 126)

A esse genuíno encontro, Cremilda de Araújo Medina chama diálogo possível. Segundo ela, o diálogo possível acontece quando entrevistado e entrevistador encontram-se e produzem um raro momento de humanização do contato interativo: “Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo” (MEDINA, 1990, p. 7).

Podemos pensar que Medina nomeia como “autocompreensão ou compreensão de mundo” o que Buber chama de “acrécimo”. Isso quer dizer que, depois de ouvirmos uma história que nos foi contada em um momento de genuíno encontro, sentimos que ganhamos algo, paira uma gratidão em nossos corações.

Ao mesmo tempo, ganhamos um certo peso, pois somos agora portadores de “algo” que nos modificou e que nos mobiliza a seguir adiante. Sentimos, agora, a necessidade de elaborar um produto jornalístico capaz de transmitir essa “autocompreensão ou compreensão de mundo” a outras pessoas.

Então, o desafio que se apresenta a nós é: como construir uma narrativa da contemporaneidade que reflita esse encontro com o outro? Ora, como nenhum encontro entre dois seres humanos é igual a outro, nenhum modo de relatar um encontro pode ser igual ao outro. Cada vivência nos motiva a utilizar determinados recursos. Se falamos sobre um personagem que nos conta tudo em forma de diálogo, o ideal é que acabemos incorporando isso ao produto jornalístico resultante. Se lidamos com alguém mais introspectivo, somos levados a um outro tipo de resultado.

Mas o mais importante, independentemente do estilo que seja adotado, é deixar claro para o leitor as relações que nós, jornalistas, estabelecemos durante a elaboração daquele produto jornalístico e a posição que ocupamos na narrativa. Há inúmeras formas para se fazer isso. Podemos ir mesclando as experiências que vivemos às cenas presenciadas e às histórias ouvidas, englobando relatos dos bastidores à própria matéria. Ou produzir um *making of* da narrativa em separado. Essa é uma técnica bastante incentivada pelo professor doutor Edvaldo Pereira Lima, da Escola de Comunicações e Artes da USP.

Na verdade, todas essas formas de mostrar ao leitor como o jornalista fez a matéria que está sendo apresentada a ele têm uma mesma função: deixar evidente a subjetividade que permeia todo e qualquer produto jornalístico. Ao nos escondermos atrás da falsa idéia da objetividade, produzimos uma matéria muito aquém das nossas possibilidades, pois somos impedidos de abarcar todas as facetas que compõe a vida humana e que vão muito além do plano racional.

Como diz Ana Taís Martins Portanova Barros, o desafio é “construir uma narrativa complexa, emancipatória, que não deslize para a arrogância de um repórter que dita verdades sobre o mundo, nem no falso objetivismo de querer reproduzir o mundo, mas que reflita a relação homem/mundo, isto é, o imaginário (p. 159).

### **Possíveis estradas**

Acredito que, para que possamos melhorar a capacidade que um jornalista ou um estudante de jornalismo tem de ouvir os relatos de suas fontes e também estimular a elaboração de produtos jornalísticos diferenciados, que contenham toda a complexidade inerente à vida humana, precisamos realizar um amplo e profundo trabalho. É imprescindível que os jornalistas passem a discutir abertamente o significado de se deixar tocar e ser tocado pelas histórias de uma outra pessoa.

Não se trata de treinar os jornalistas e os estudantes para novas práticas, mas de levá-los a compreender a profunda experiência do *eu-tu*. Fazê-los perceber que o pressuposto para que possamos estabelecer uma relação genuína é a reciprocidade. É preciso levar às salas de aula a prática de refletir sobre os sentimentos e os pensamentos que nós temos quando nos relacionamos com outros seres humanos.

Assim sendo, uma das contribuições fundamentais de Martin Buber para o campo do jornalismo é a possibilidade de pensarmos as relações humanas sob uma perspectiva inovadora, capaz de fazer o jornalista e os estudantes de jornalismo refletirem sobre seu modo de fazer. Na minha opinião, essa é a questão-chave para que os jornalistas possam de fato estabelecer relações mais próximas com as pessoas que contam suas histórias a eles. É só por meio da auto-reflexão que deixamos de ter medo de ir ao encontro do outro, que rompemos as barreiras que nos fazem ficar presos em nossos casulos. Pois quando refletimos sobre a nossa produção, percebemos que não há nada mais maravilhoso do que o encontro com o outro, que não há nada de “errado” nisso. Afinal...

O jornalismo é uma atividade de contínuo mergulho na alteridade. Isso significa comunicação de ser humano para ser humano. A pretensão de explicar o real se esvai, ficando a angústia de compreender o desejo mítico do outro. A reportagem daí nascida não servirá para explicar o mundo, e sim para dizer um pouco do seu mistério. (BARROS, 2003, p. 211)

É somente por meio do diálogo genuíno que somos capazes de enxergar o outro, sem julgá-lo, compreendendo-o em sua singularidade.

### **Referências bibliográficas**

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Sob o nome de real:** imaginários no jornalismo e no cotidiano, 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo. São Paulo.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

CRUZ, Maria Teresa. A estética da recepção e a crítica da razão impressa. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 3, Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem, ju n. 1986.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista, o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1990.

YAKHNI, Sarah. **Eu e o Outro no Filme Documentário:** uma possibilidade de encontro, 2001. Dissertação (Mestrado em Multimeios). Unicamp. Campinas. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/yakhni-sarah-eu-outro-documentario.html>. Acesso: 2/12/2005.